

1º DE MAIO

dia do trabalhador

GRIFO

Nº 8
MAI
2021

J C D
O A A
R R
N T G
A U R
L N A
I F
D S A
O T R
S

ESPECIAL



Na cidade e no campo

Assim falou Paulo Guedes: “Todo mundo quer viver 100 anos, 120, 130. Não há capacidade de investimento para que o estado consiga acompanhar”. O ministro fiel escudeiro de Bolsonaro resumiu com sinceridade o projeto social e político do governo. Economia não é para preservar e salvar vidas. Vidas devem preservar a economia. Para isso, que se corte orçamento da previdência, saúde, educação, funcionalismo, serviços e privatize tudo a preço baixo.

Bem, ministro, já há dados do IBGE com as consequências disso. São 14 milhões de desempregados, mais nove milhões sem carteira assinada e outros 21,8 milhões de trabalhadores por conta própria. Eles não têm horário fixo, nem descanso remunerado, nem limite de jornada, nem férias remuneradas. Mas são chamados de “empreendedores”, uma ilusão linguística - Mauro Abdon explica em detalhes - para esconder que a situação deles não é muito diferente dos trabalhadores do século 19. Um dos maiores momentos de protestos em defesa da jornada

máxima de oito horas, entre melhores condições de trabalho, foi uma greve em 1º de maio de 1886, nos Estados Unidos. Por isso, é O Dia do Trabalhador, motivo dessa edição especial. Mas não existe “política de gênero”, outra maldosa ilusão linguística, na hora da exploração. Em 8 de março de 1917, mulheres russas fizeram passeatas contra a carestia, o desemprego e as condições de vida dos trabalhadores no país. O governo czarista caiu dias depois. Em 1910, num congresso da Internacional Socialista em Copenhague, Clara Zetkin propôs, para homenagear várias manifestações semelhantes, que em todos os anos se comemorasse o Dia Internacional da Mulher, outro motivo para esta edição. Tudo isso lembra que não se trata apenas de uma luta de trabalhadores urbanos. No campo, onde o agronegócio com sua devastação ambiental é pop, existe o Dia do Trabalhador Rural, 25 de julho, e uma história igualmente valente pela reforma agrária.

Dia do Trabalhador é dia dos que querem trabalhar muito, viver bem, viver muito. Talvez 100 anos. Mas não com essa política econômica.

-SUMÁRIO-

EDITORIAL

02

CLASSUDO

03

APPROPRIAÇÃO

09

DEFORMAS

13

FAMÉLICOS

DA_TERRA

18

VENI,VIDI,

VICENZI

20

POESIA

21

ARTES

DRÁSTICAS

22

EXPE DI ENTE

O Jornal Grifo é publicação de cartunistas da Grafar (Grafistas Associados do RS)

Editor: Marco Antonio Schuster

Editores adjuntos: Celso Augusto Schröder e Paulo de Tarso Riccardi

Capa: Eugênio Neves

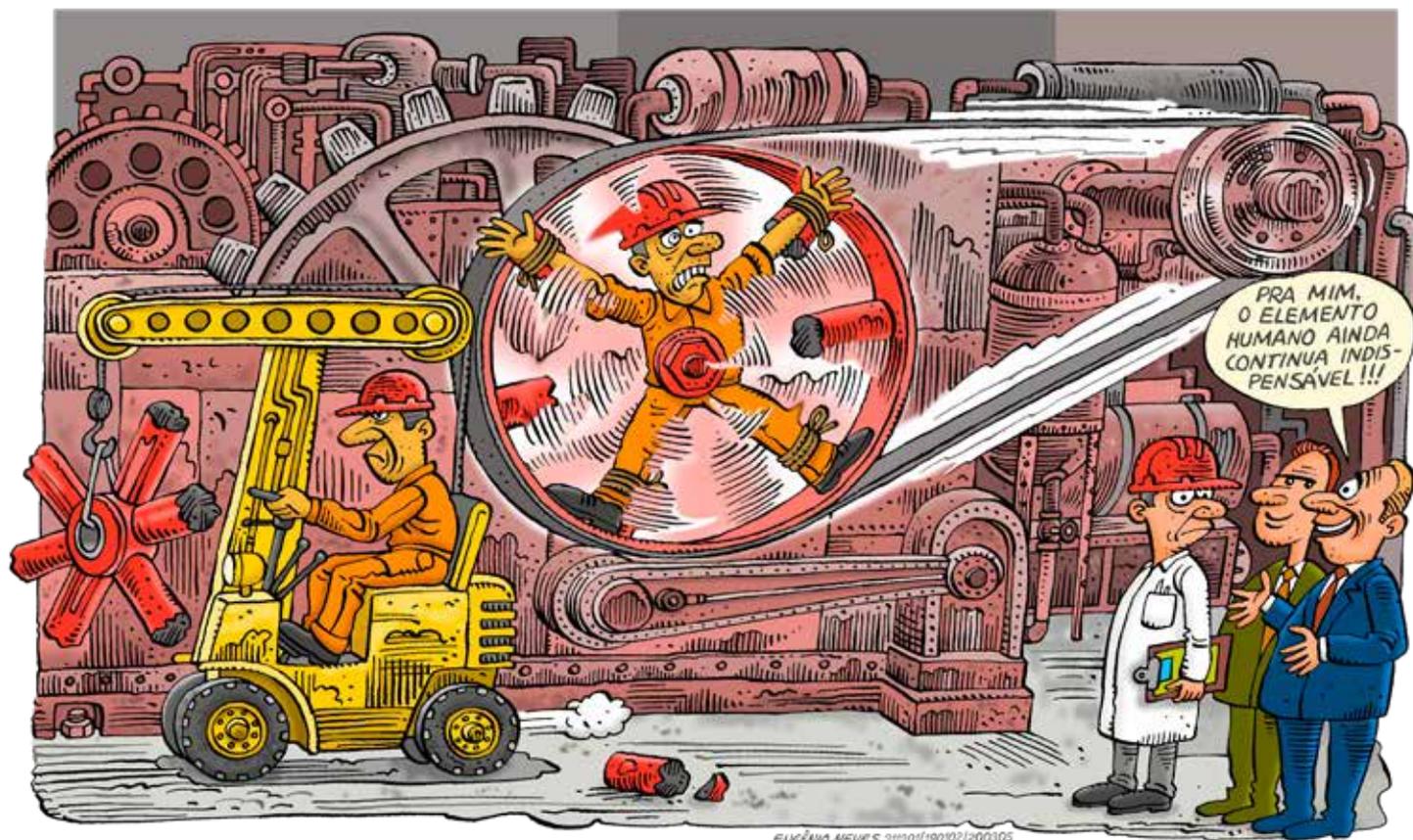
Diagramação: Hals, Bruno Cruz e Caco Bisol.

Colaboradores: Bira Dantas, Carlos Roberto Winckler, Carol Cospe Fogo, Celso Vicenzi, Célus, Cláudia Carezzato, Dalcio, Edgar Vasques, Erasmo, Eugênio Neves, Janete Chargista, José Weis, Kayser, Lu Vieira, Marcelo Mario de Melo, Mauro Abdon, Marcelo Mário de Melo, Paulo de Tarso Riccardi, Paulo Muzell, Samuca, Santiago, Schröder, Uberti.

grafar.hq@gmail.com

O Grifo de Schröder





O POVO
PRECISA
ENTENDER
QUE NÃO
EXISTE
ALMOÇO
GRÁTIS...

ESTE
AQUI, POR
EXEMPLO, É
ELE QUEM
PAGA!



Violência

Um dos primeiros protestos urbanos no Brasil aconteceu em São Paulo, em 1907, defendendo jornada de trabalho de oito horas, assistência médica, fim do trabalho de crianças e do trabalho noturno para mulheres e direito a férias. A repressão foi violenta. Fatos semelhantes aconteceram durante todo o século, junto com a industrialização, a urbanização, atendimento de reivindicações seculares e tentativas, sempre boicotadas, de democratização do estado e da sociedade.

Naquele tempo, essa era a maneira do capital gerar lucros para poucos e miséria para muitos. Agora, o estilo é outro: ganhar sem gerar trabalho, apenas renda através de investimentos financeiros e especulações. Para isso, tem até uma palavra: rentismo.

Passos para trás

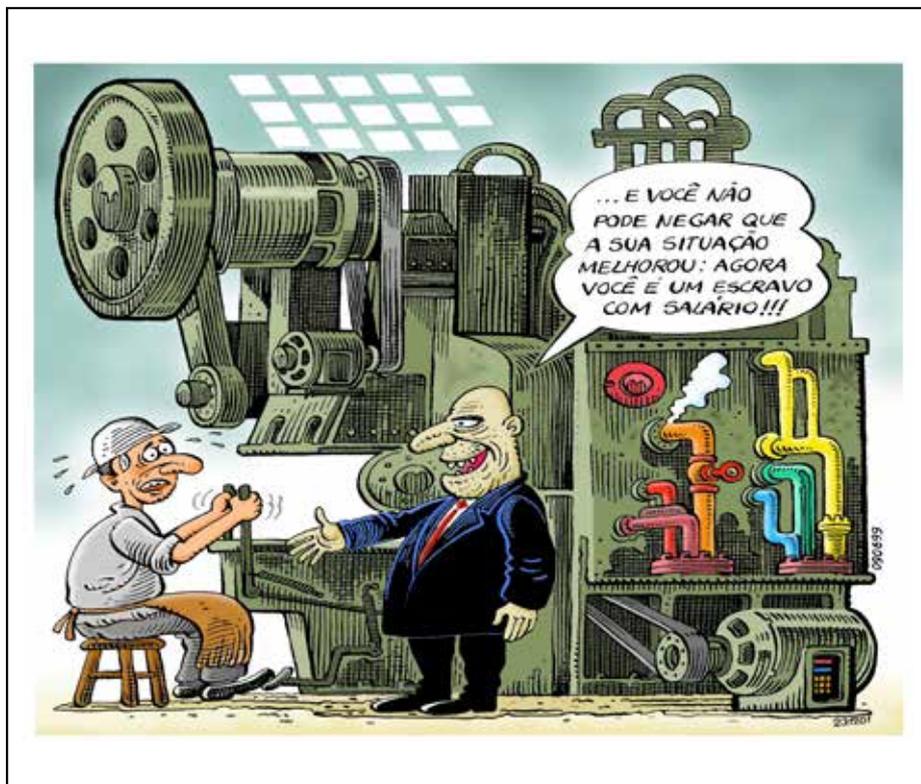
Carlos Roberto Winckler
é sociólogo

A modernização capitalista brasileira desencadeada após a Revolução de 30 se realizou ao longo de cinco décadas. Acomodou setores agrários e industriais sob diferentes regimes políticos. O Estado procurou absorver reivindicações populares através da legislação trabalhista, previdenciária, saúde pública e políticas educacionais. A CLT estabeleceu os fundamentos das relações com os trabalhadores: sindicalização, salário mínimo, férias, descanso semanal remunerado, aviso prévio, indenizações. A expansão dos direitos trabalhistas se deu com Vargas, centrada nos trabalhadores urbanos. Ao longo dos anos 50 e início dos 60 as pressões dos movimentos rurais resultaram no Estatuto do Trabalhador Rural (ETR) em 1963, o 13º salário foi criado em 1962.

A ditadura militar de 1964 fechou sindicatos, perseguiu movimentos rurais, garantiu um modelo econômico de exclusão e esvaziou a aplicação das leis trabalhistas. O ETR foi incorporado à CLT, uma concessão do vício à virtude. O esgotamento do pacto conservador e a retomada das pressões populares conduziu o país à Constituição de 88, que continha as bases para um possível Estado de Bem Estar.

Nos anos 90 deu-se a guinada neoliberal das elites brasileiras. FHC falava em liquidar a herança varguista. As políticas sociais aos poucos perderam o caráter universal. Os governos petistas procuraram retomar a pauta de um Estado Soberano e de Bem Estar Social, dentro dos parâmetros da Constituição. A extensão dos direitos trabalhistas plenos às empregadas domésticas sacudi valores escravocratas arraigados na sociedade brasileira.

O golpe de 2016 inaugurou uma guerra contra a CLT, aperfeiçoada ao



longo dos anos. A reforma trabalhista de 2017: acordos coletivos podem se sobrepor à CLT, maior número de horas do trabalho parcial, fim da contribuição sindical obrigatória que fragilizou sindicatos, maior parcelamento das férias, grávidas e lactantes podem trabalhar em locais insalubres, extensão de contratação de autônomos, home office, oneração do trabalhador caso perca ações movidas na justiça trabalhista. Resultado: transformação da massa trabalhadora em informais, jogados à sanha de empresas de aplicativos sem nenhum compromisso com direitos.

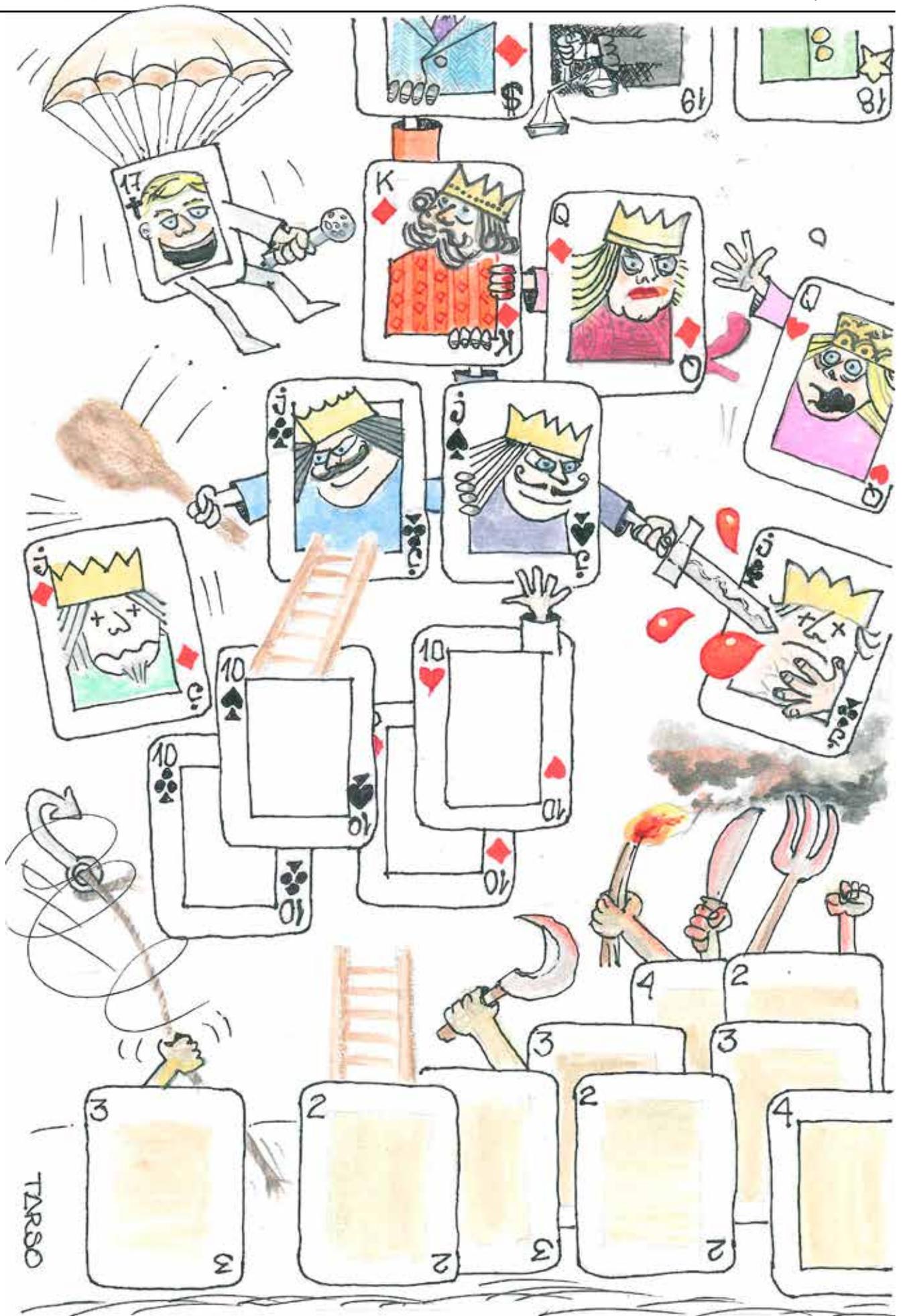
O governo Bolsonaro deu continuidade ao processo de destruição na ausência de projeto nacional em um ambiente de crescente desindustrialização e de políticas públicas efetivas em meio à pandemia. Mais de 50% da população economicamente ativa desempregada ou na informalidade, 20 milhões de miseráveis. Empregados submetidos à autocracia do patronato. Não há economia capitalista capaz de subsistir em tal ambiente de regressão.



**Receba as edições
do Jornal Grifo
totalmente grátis e
em primeira mão**

*Basta entrar em um dos grupos de WhatsApp para receber sua edição em pdf!
ATENÇÃO! Nos grupos do WhatsApp do Grifo só são permitidas mensagens do administrador.*

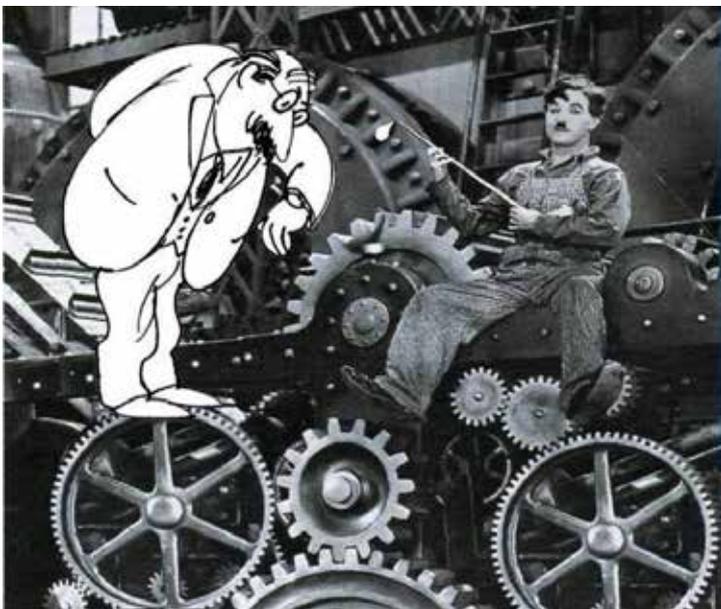
**CLIQUE AQUI E
ENTRE NO GRUPO 3
DO GRIFO**





EUGÊNIO NEVES 070108-160909







Rentismo e precarização

**Paulo Muzell
é economista**

Ladislau Dowbor observa que a etapa atual do capitalismo moderno, de declínio do industrialismo, sob crescente domínio do capital financeiro, trouxe uma novidade: a capacidade de apropriar-se de parcelas crescentes de renda e de riqueza sem prestar contrapartida à sociedade. No capitalismo tradicional o proprietário dos meios de produção pagava aos trabalhadores valor menor do que o seu trabalho gerava, acumulava, assim, capital que produzia bens e serviços. Os sindicatos, por sua vez, reagiam tentando diminuir a taxa de exploração.

A perversa “novidade” é o rentismo, a capacidade do capitalismo financeiro de apropriar-se da riqueza da sociedade sem nada produzir, uma forma típica de parasitismo social. Ladislau denomina esta etapa de a “era do capital improdutivo”.

O sistema financeiro se tornou “livre”, extinguiu a regulamentação de suas atividades, o patrimônio estatal se tornou seu alvo prioritário. A privatização das empresas e dos serviços públicos - mesmo os essenciais -,

foi acelerada: seu papel é gerar lucros. O estado deve ser mínimo, o servidor público desvalorizado. A grande mídia, a serviço do poder, convenceu a população que os servidores são párias, ganham muito e trabalham pouco. Isso ocorre porque governos neoliberais não tem interesse em atender às necessidades da população, especialmente dos menos favorecidos. Serviços de educação e saúde privatizados devem, também, gerar lucro.

Os juros abusivos, as elevadas tarifas bancárias e um sistema tributário regressivo - os pobres pagam proporcionalmente mais impostos - concentram ainda mais a renda. Apenas 147 corporações, 75% delas financeiras, controlam quase 40% do PIB mundial; 28 delas tem um capital igual ou superior a 1,8 trilhões de dólares, valor superior a PIB brasileiro.

Se o cenário mundial lembra um pesadelo, aqui no Brasil é pior. Uma reforma trabalhista draconiana extinguiu direitos precarizando o trabalho. Nosso sistema financeiro cobra juros extorsivos no crédito pessoal e nos cartões de crédito, a taxa básica de juros, elevadíssima, inviabiliza os investimentos e reduz os gastos sociais, um horror. Um governo genocida combina desrespeito à vida com desemprego, miséria e fome.



Estarei aqui mesmo

Sim, a comida chega na hora equentinha. Mas o salário de entregadores, motoristas de aplicativos e demais serviços terceirizados, não. A tecnologia que nos ajuda a fazer esta publicação, por exemplo, também pode ser mal utilizada. Para isso, basta uma legislação permissiva.

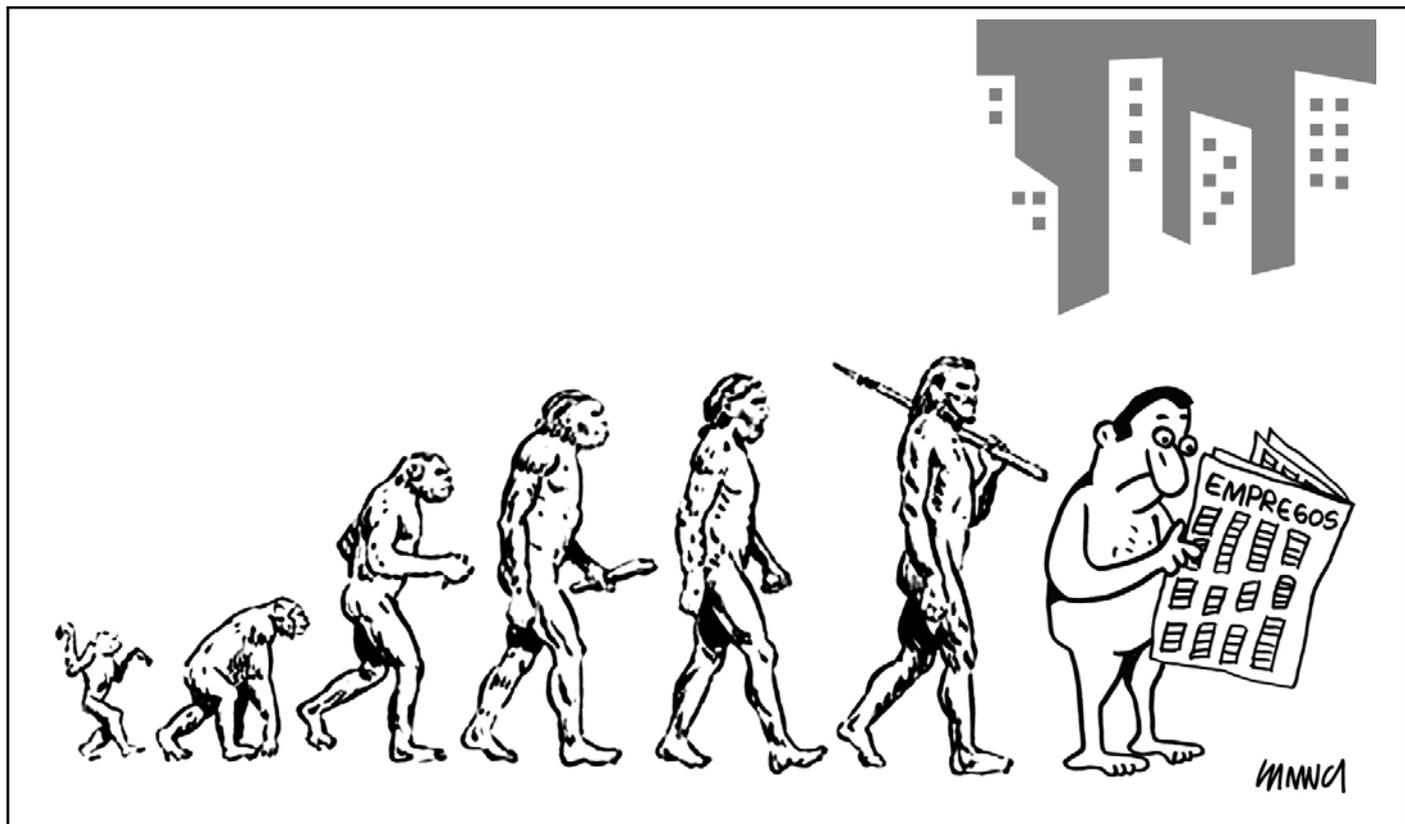




Receba as edições do Jornal Grifo totalmente grátis e em primeira mão

Basta entrar em um dos grupos de WhatsApp para receber sua edição em pdf!
ATENÇÃO! Nos grupos do WhatsApp do Grifo só são permitidas mensagens do administrador.

CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 2 DO GRIFO



As palavras e as (não) coisas

**Mauro Abdon
é advogado e mestre
em direito pela UERJ**

Sempre me chamou atenção como as palavras podem ser usadas para esconder, não para elucidar, o significado do objeto que se pretende definir. A palavra como instrumento de dominação, mas fingindo isenção.

Na minha adolescência, o primeiro termo que chamou minha atenção foi “terceiro mundo”, que escondia a verdade, levemente, mas escondia: países fortemente desiguais e com muita pobreza, nosotros incluídos.

A queda do muro e a desconstrução do “segundo mundo” (os países socialistas do leste europeu) vieram com uma novidade: “países em desenvolvimento” (que nunca chega). Também nesse tempo a imprensa falava em “conflito Israel-Palestina”, como se “conflito” fosse a palavra que melhor definisse as invasões e violações do direito internacional por um Estado militarizado contra uma população

desorganizada, protegida por milícias voluntaristas sem nenhuma capacidade de confronto direto.

Nem falo de propositalmente mal utilizar palavras canônicas, como “propriedade” e “liberdade”. É genial que os donos da quitanda ou da padaria se achem tão proprietários quanto os maiores acionistas de uma petroleira ou de uma big tech. E não menos sofisticado é a liberdade ser reduzida e considerada mais importante se garante o vale tudo de quem tem capital para ser “livre” economicamente. As outras liberdades só são protegidas se não atrapalham a “mais relevante”.

Falo de criar palavras e termos dentro do próprio sistema capitalista, especialmente o periférico, cujos significados obscurecem a realidade, as tornam cotidianas, anestesiaram os sentidos, aumentam a autoestima do explorado.

Na tenebrosa esculhambação trabalhista de 2017 (que chamaram de “reforma”, olha aí a linguagem), direitos básicos para um mínimo civilizatório viraram “privilégios” e

prejudicavam o (atenção, a palavra atualmente no top10) “empreendedorismo”. Motoristas de uber, entregadores do i-food, do rappi, a subordinação sumiu, todos viraram empreendedores, a “pejotização”.

Os pesquisadores de instituições públicas em busca de tratamento para doenças ou de uma nova tecnologia e os professores, não, esses não são “empreendedores”. Transmitir e criar conhecimento valem pouco. A palavra aceita apenas um significado econômico mesquinho, mas sem parecer mesquinho.

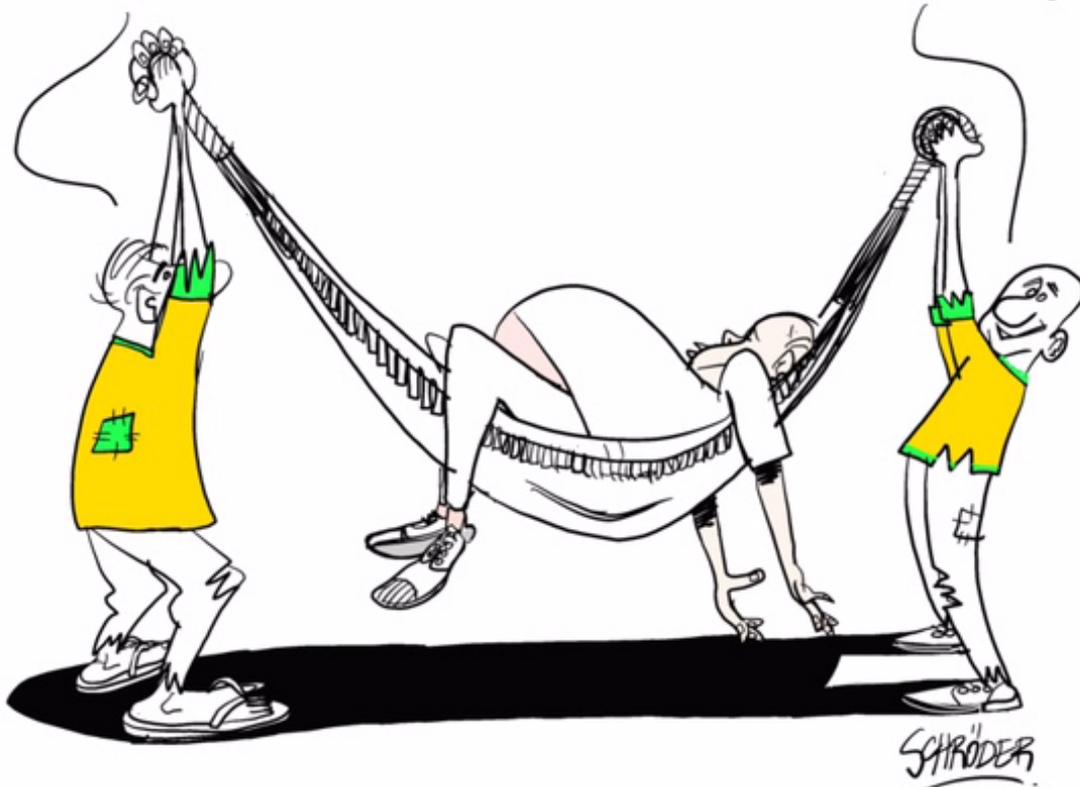
A guerra da linguagem é a guerra para desvelar ao indivíduo algo ruim: que ele não é em muitos aspectos o dono da sua vida, que sozinhos somos pouco mais que nada na roda da história.

Ninguém gosta de admitir, muito menos de escutar, que não é senhor de sua própria existência, parece coisa de gente conformada. Mas falar essa verdade desconstrucionista nunca foi tão necessário, ainda que desagradável e difícil.



QUE BOM QUE
ESTAMOS FELIZES,
NÉ?

SIM, SAUDÁVEIS
E DESCANSADOS



Vejo o futuro repetir o passado

Cazusa não sabia que a repetição seria tão ruim. As reformas jogaram o país de volta no mapa da fome, do desemprego em massa e na uberização do trabalho, que nada mais é que trabalhar muito para pouco rendimento, mas gerando lucro para alguém e pior: achando-se dono do negócio. Reforma que deforma.



Receba as edições do **Jornal Grifo** totalmente grátis e em primeira mão

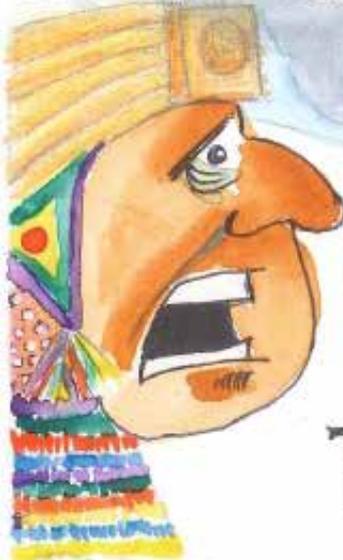
Basta entrar em um dos grupos de WhatsApp para receber sua edição em pdf!

ATENÇÃO! Nos grupos do WhatsApp do Grifo só são permitidas mensagens do administrador.

CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 1 DO GRIFO



Os HUMORES DO MERCADO



Querem nosso sacrifício!

Tragam as virgens!



Queimem as bruxas, os sindicalistas, os advogados trabalhistas



Revoguem a constituição comunista e a MPB. Os salários oneram!

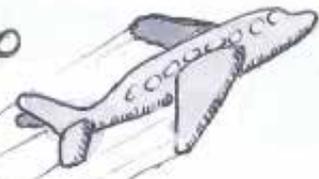
A Economia precisa de liberdade para gerar riqueza.

O custo Brasil espanta investidores

Sem empregados, sem loja a economia digital é o novo normal.



O Mercado está mal-humorado! Privatizem estatais, entreguem o Banco do Brasil. Sobrou algum poço de petróleo? Entrega. Commodities, pague quanto quiser. Leve as indústrias! Melhorou o humor?



TARSO



Ué, o Paulo Guedes foi também!



A semana da economia

Os ministros fazem rodízio para dar declarações infelizes, só pode. Essa foi a semana de Paulo Guedes. Ele conseguiu, em três

dias, criar mais um atrito com os chineses, achar ruim a longevidade das pessoas e lamentar que filho do porteiro entrasse na faculdade.

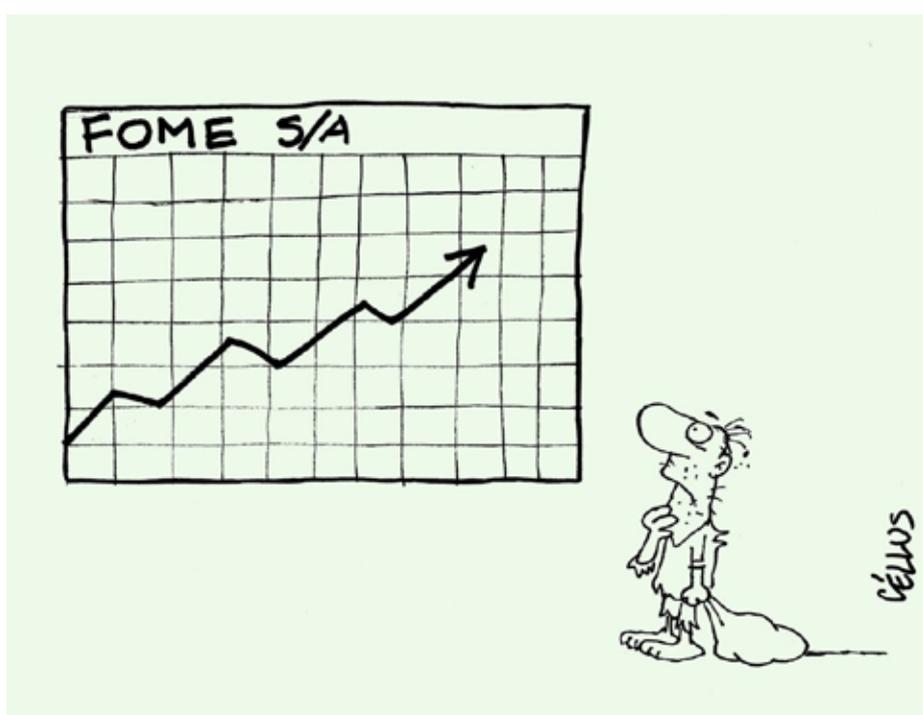


A VIDA ÍNTIMA DE UM ECONOMISTA



O PREÇO DO GOLPE





De volta ao mapa

A tira de Edgar Vasques (acima) foi tristemente premonitório, em setembro de 2014. Em abril de 2021 o Brasil registra 19 milhões de pessoas que passam fome, integrando um grupo maior, os 116 milhões não se alimentam suficientemente. A ONU havia tirado o Brasil do Mapa da Fome, agora, ao ver dados coincidentes de diferentes instituições, deve colocar de volta.

F  **ME**



Terra para todos

Em 17 de abril de 1996 um grupo de trabalhadores rurais reunidos à beira de uma estrada no Pará - reivindicando Reforma Agrária - foram cercados por policiais militares e alvejados: 19 mortos, 79 feridos. Por isso, 17 de abril é comemorado como o Dia Nacional da luta pela terra. Essa luta é tão antiga quanto o Brasil. Em 1580 houve o Quilombo de Palmares, comunidade rebelada contra a escravidão.

Em 1984, foi fundado o Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST), que já assetou 400 mil famílias e é responsável pela maior produção de arroz orgânico da América Latina.



O Febeapá na era das redes sociais

**Celso Vicenzi
é jornalista**

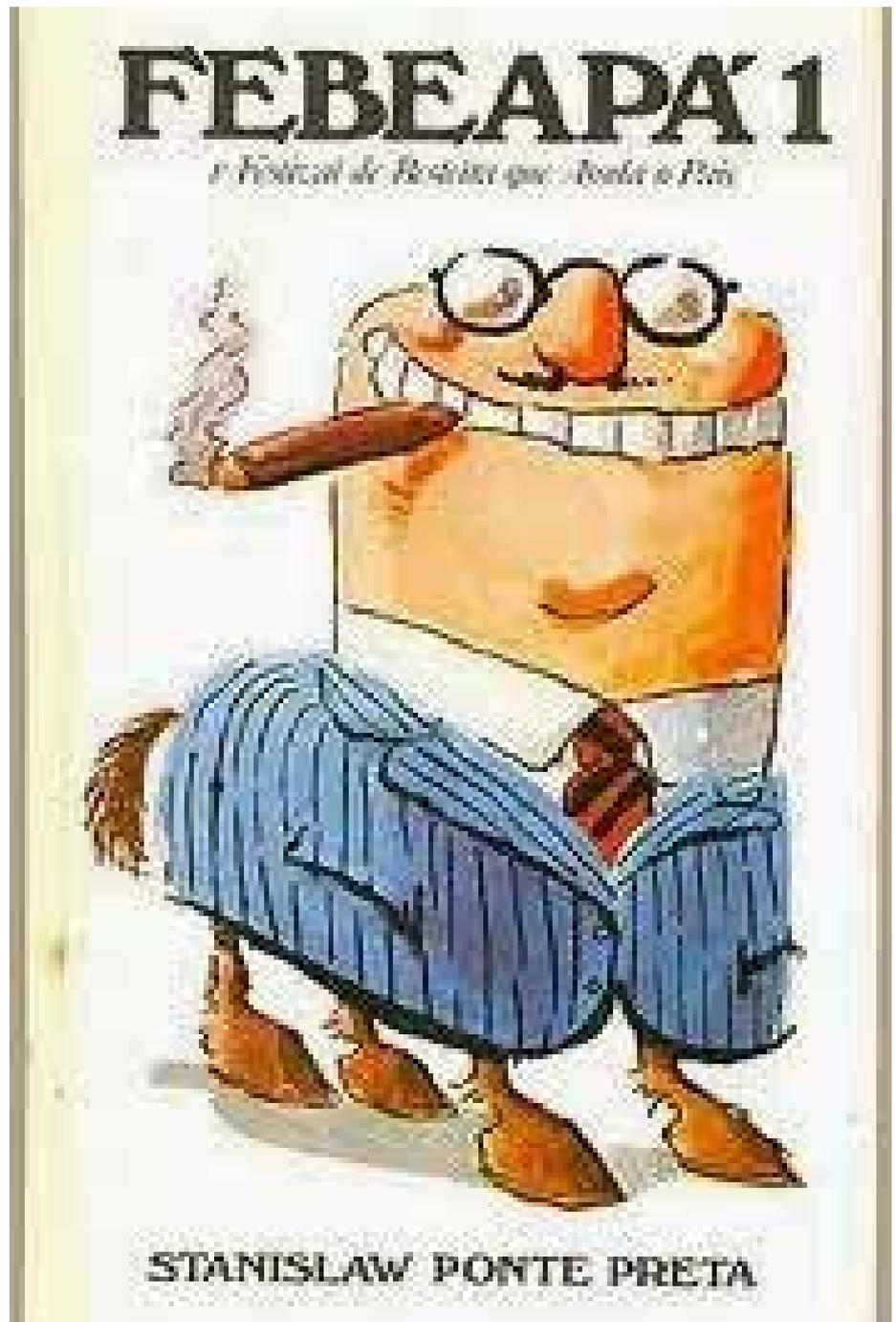
Nos primeiros anos que se seguiram à ditadura militar de 64, o escritor Sérgio Porto, que assinava crônicas no jornal Última Hora com o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta, registrou com humor os absurdos do Golpe Militar. O primeiro título de uma série de três foi “Febeapá – o Festival de Besteira que Assola o País”, publicado em 1966. Se vivo fosse, hoje teria material para publicar um livro por semana.

Em Florianópolis (SC), uma live em abril, com quase 2 mil seguidores mexeu com o imaginário do Febeapá e sinalizou o quanto não estamos tão distantes assim de uma nova Marcha com Deus, pela Família e pela Liberdade.

O tema da live: “Era Karl Marx um satanista?”. O “debate” ocorreu entre o padre exorcista Pedro Paulo Alexandre, 35 anos, com atuação na Grande Florianópolis, e a deputada estadual catarinense Ana Campagnollo, 28 anos, eleita pelo PSL, na avalanche de votos pró-Bolsonaro.

Sob a insistente tentativa de assinalar um suposto “rigor científico”, o padre e a deputada passaram mais de uma hora expondo exemplos de que “Marx era um perverso”, como a sua vida familiar e pessoal era prova evidente. E dezenas de exemplos das atrocidades comunistas no mundo. Para a deputada, não há dúvida que, por suas ideias, Marx era um satanista. “Só não temos provas de que praticava magia negra”, disse, num quase simpático e inesperado atenuante.

Para o padre exorcista, o pensamento de Marx é satanista porque é uma militância antiDeus. Segundo a antifeminista, Marx construiu um pensamento de permanente incitação à violência. No arremedo de construção “científica”, sobrou até para Darwin, que segundo o padre, que o leu muito mal, construiu a ideia de que



“só o mais forte e o mais cruel sobrevive” – daí a aposta de Marx na violência, segundo ele.

Depois de pregar a importância dos cristãos conhecerem “as obras consagradas” e de confessar a sua admiração pelo “professor Olavo de Carvalho” (olha ele aí!), lançou a pergunta que não quer calar: “pode um cristão votar em um candidato ou em um partido comunista?” A resposta foi um sintético e seco “não”. Porque a

Igreja rejeita as ideias do socialismo e do comunismo – completou.

Há quem defenda que o silêncio diante do Festival de Besteira que Assola o País – agora impulsionado por novas tecnologias – seja a melhor resposta, mas tratar como inofensivas asneiras e permanecer calado no nascedouro de ideias fascistas, fanáticas e ditatoriais, não parece a melhor estratégia para impedir o seu crescimento.

Enfim, o retrocesso avança.

Versar e trabalhar, trabalhar e versar

SAUDOSA BATALHA

(José Weis depois do Adoniran Barbosa)

*Se o senhor não está lembrado
 Dá licença de lembrar
 Ali, onde agora está um condomínio de luxo
 Era sede do sindicato, um lugar politizado
 Foi ali, seu moço, que muitos companheiros
 Lutaram por melhor salário
 E condições de trabalho
 Construimos algumas vitórias
 Mas um dia, nem podemos nos lembrar
 As nossas conquistas o Temer mandou
 derrubar Cada regra que caía
 Doía no coração
 Tentamos uma reação, veio o Bozo e a milícia
 E piorou toda a situação
 Um companheiro quis gritar
 Mas em cima eu lembrei
 Eles nunca têm razão
 Nós arranjamos outro lugar
 Só nos conformamos, quando outro falou
 Eleger o imbecil foi coisa de eleitor
 Saudosa batalha
 Batalha aguerrida
 Onde um dia nós lutamos
 Pra dignificar as nossas vidas.
 *Homenagem ao Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre
 cuja sede teve que vender

AS CARAS DA ESPERANÇA

(Marcelo Mário de Melo)

A esperança é estrela
 difusa e disseminada
 veste mil identidades
 subterrânea e alada
 transitando por desertos
 escombros terra arrasada.
 Ronda as rodas da aflição
 e as espirais do exagero
 lançando jorros de luz
 com sutileza e esmero
 tentando o equilíbrio
 nas cordas do desespero.
 A esperança navega
 por entre medos e dores
 aspirando sofrimentos
 sentindo todos odores
 vestindo todos os rostos
 trajando todas as cores.



TARSO



**Receba as edições
do Jornal Grifo
totalmente grátis e
em primeira mão.**



*Basta entrar em um dos grupos de WhatsApp
para receber sua edição em pdf a cada 15 dias!
ATENÇÃO! Nos grupos do WhatsApp do Grifo
só são permitidas mensagens do administrador.*

**CLIQUE AQUI E
ENTRE NO GRUPO 1
DO GRIFO**

**CLIQUE AQUI E
ENTRE NO GRUPO 2
DO GRIFO**

**CLIQUE AQUI E
ENTRE NO GRUPO 3
DO GRIFO**